

Nascer, morrer, renascer: O Espiritismo à luz das Ciências Sociais

**Pedro Stoeckli
Pires**

Graduado em
Ciências Sociais

Palavras-chave:

Sociologia da
Religião, Brasil;
Mediunidade;
Espiritismo;
Kardecismo;
Umbanda

Key Words:

Sociology of
Religion; Brazil;
Mediumship;
Espiritism;
Kardecism;
Umbanda

RESUMO: O presente artigo visa analisar a presença e o desenvolvimento do espiritismo kardecista na sociedade brasileira e sua relação com outras religiões mediúnicas, em especial a umbanda. A partir da leitura de trabalhos de sociologia, antropologia, e das obras doutrinárias, argumenta-se que o kardecismo francês foi reinterpretado e seu aspecto religioso adaptado aos moldes nacionais. Propomos que as noções espíritas são amplamente difundidas na sociedade brasileira por representarem aspectos de crença da convivência com o sobrenatural presentes na cosmologia nacional.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the presence and development of kardecist spiritism in the Brazilian society and its relations with other mediumship based religions, in special umbanda. Based on the readings of sociological, anthropological and doctrinal works, we argue that the French kardecism was reinterpreted and its religious aspect adapted to the national needs. We follow to assert that the spiritualistic notions are widely spread in the Brazilian society for they represent aspects of the belief of supernatural presence in the national cosmology.

Introdução

No dia 6 de Dezembro de 2007 a Câmara de Deputados aprovou o projeto de Lei 291/07, da deputada Gorete Pereira (PR-CE), que institui o dia 18 de abril como o Dia Nacional do Espiritismo. A data escolhida é uma homenagem ao dia em que em 1857 foi editado na França *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, primeiro livro canônico da doutrina espírita que completou 150 anos de lançamento no ano de 2007. O projeto de lei agora encontra-se em trâmite para aprovação no Senado. Segundo a notícia no site da Federação Espírita Brasileira (FEB),

"a autora do projeto lembra que o Brasil é a maior nação espírita da atualidade e que os praticantes brasileiros têm realizado obras extraordinárias no campo da assistência social", como define a doutrina espírita. Gorete Pereira também destaca a figura do médium Chico Xavier, segundo ela fundamental para a difusão do espiritismo no Brasil [...] 'A instituição do Dia Nacional do Espiritismo é homenagem justa a um dos mais importantes grupos religiosos do país, cuja atuação tem sido indispensável para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna entre nós', argumenta Gorete Pereira".¹

O espiritismo kardecista² é uma religião fundada por Allan Kardec na França durante a segunda metade do século XIX, podendo ser considerada bastante recente se comparada às grandes religiões mundiais. Um dos aspectos mais originais do movimento espírita é o fato de sua estrutura se

aparentar mais com as religiões orientais do que com o cristianismo. Dentre as principais crenças do kardecismo estão a teoria das reencarnações sucessivas, o carma (que pode ser compreendido como a lei da causa e efeito), a possibilidade de comunicação com espíritos desencarnados e a crença na pluralidade de mundos habitados, cada qual em um nível de evolução. Apesar de ter fundamentos de religiões orientais como o budismo e o hinduísmo, o espiritismo de Kardec apresenta-se como uma religião de inspiração cristã, tendo na figura de Jesus Cristo o exemplo do mais alto grau de elevação espiritual que já veio ao planeta.

O kardecismo é uma religião européia fundada por um francês, mas foi no Brasil que tal religião teve melhor aceitação. De acordo com o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, o número de espíritas no Brasil era de 2.337.432 pessoas, constituindo 1,3% da população total do país, ficando atrás apenas dos católicos (73,6%) e dos evangélicos (15,4%). O movimento espírita no país abrange lares, centros espíritas, institutos culturais, hospitais, orfanatos, asilos e editoras. Mesmo o número relativo de espíritas sendo pequeno, é comum ouvir a hipótese por parte dos fiéis de que existem muito mais simpatizantes da doutrina do que se pode mensurar quantitativamente. Isso se dá porque se estima que um considerável número de adeptos de religiões mediúnicas se declara católico. Por sua vez, uma considerável parcela dos católicos também simpatiza com as noções espíritas.

¹ Site da FEB (www.febnet.org.br), acessado em 05/04/2008.

² Faz-se necessário especificar o espiritismo como kardecista, pois religiões como a umbanda e o candomblé também são consideradas espíritas.

Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil 2000 %

Católica Apostólica Romana	73,6
Evangélicos	15,4
Espíritas	1,3
Umbanda e Camdomblé	0,3
Outras religiosidades	1,8
Sem religião	7,4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 – Características Gerais da População: Resultado da Mostra

Desse modo, o kardecismo é uma religião adaptada aos moldes brasileiros, conhecida também no meio acadêmico. Já na época de seu livro *Kardecismo e Umbanda*, Cândido Procópio de Camargo (1961) apontava o rápido desenvolvimento das religiões mediúnicas no Brasil e a necessidade de serem estudadas pelas ciências sociais. Apesar dos estudos antropológicos e sociológicos sobre suas práticas, poucos autores recorreram aos conceitos da importante obra sobre religiões do sociólogo alemão Max Weber. Considerado um dos pais fundadores da Sociologia, Weber dedicou grande parte de sua vida acadêmica aos estudos das religiões mundiais e seu desenvolvimento. O autor visou discutir em sua obra desenvolvimentos religiosos típicos para traçar linhas de evolução do pensamento religioso e da racionalidade ocidental. Dentro dessa linha, Weber mostrava especial interesse pelo desencantamento do mundo, um abandono gradual do pensamento mágico em função de maior racionalização religiosa. Weber desenvolveu conceitos gerais que podem ser aplicados a qualquer análise de religião e, como bem definiu Robert Hefner, "the heart of his analysis still provides a powerful insight".³

Em nosso presente estudo, partimos da preocupação weberiana pela tensão entre o tradicionalismo leigo (pensamento mágico) e o racionalismo religioso (doutrina) para melhor compreendermos o espiritismo. O kardecismo sustenta uma doutrina com fortes traços mágicos, como a comunicação com espíritos e a cura de problemas físicos através da ação dos mesmos. Assim, esse artigo pretende revisar e complementar parte da produção da sociologia e da antropologia que analisa o kardecismo. A partir das idéias weberianas sobre o abandono do pensamento mágico em função da maior racionalização religiosa e científica, consideramos o espiritismo kardecista como uma religião com o esforço racional para atender as demandas do tradicionalismo leigo.

A Terceira Revelação ou Codificação de Allan Kardec

O primeiro fenômeno famoso de contato espiritual ocorreu em 1848 em Hydesville, EUA, onde as irmãs Margaret e Katie Fox desenvolveram

uma maneira de se comunicar com espíritos e interpretar batidas e ruídos atribuídos a eles. A partir da curiosidade pelos fenômenos chamados de "mesas girantes" ocorridos na primeira metade do século XIX, Allan Kardec iniciou o estudo e a comunicação com os espíritos para apresentar ao mundo o que seria a Terceira grande revelação da história que fundou uma nova era, na sequência da primeira feita por Moisés e a segunda por Jesus Cristo (Kardec, 2006a). A importância da revelação de Moisés seria a existência do Deus único e seus mandamentos, enquanto a Jesus Cristo coube a tarefa de universalizá-los e difundi-los. Desse modo, dentro do espiritismo Kardec é tido como um dos grandes profetas da história, e seus escritos constituem a fonte última de autoridade em discussões doutrinárias.⁴ Nascido na França em 1804 com o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail, o fundador do kardecismo adotou o pseudônimo de Allan Kardec por ter sido seu nome em uma existência anterior. Antes de se tornar o Codificador, Hippolyte foi professor e parte da Real Academia de Ciências Naturais na França, o que afetaria decisivamente a doutrina espírita. Kardec é notadamente mais conhecido no Brasil do que em seu país natal (Santos, 1997).

Apesar da ampla produção literária espírita, o espiritismo kardecista delimita-se nas cinco obras fundadoras de Allan Kardec que são conhecidas como o "pentateuco kardequiano". São elas *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1961), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Na época em que a Codificação espírita foi escrita, as idéias de evolução e progresso estavam em voga, influenciando decisivamente a doutrina. A própria sequência das três grandes revelações históricas é interpretada como uma linha de evolução que desenvolveu e adaptou as revelações anteriores ao grau de evolução da humanidade. Unidas às noções de carma e reencarnação orientais elas gerariam uma nova religião ocidental moderna caracterizada pela mescla de fundamentos.

Notadamente, o fechamento de um cânon costuma ser justificado pela idéia de que a época passada foi escolhida para ser abençoada com o carisma profético (Weber, 2004). Allan Kardec afirmou que sua Terceira revelação só se deu naquele momento devido ao grau insatisfatório de evolução humano nos séculos anteriores. Assim,

"os espíritos anunciam que é chegado o tempo marcado pela Providência para uma manifestação universal e que, por serem eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, cabe-lhes a missão de instruir e esclarecer os homens, iniciando uma nova era para a regeneração da humanidade".⁵

Kardec enfatiza que o espiritismo está em todos os lugares e que a comunicação com os espíritos seria um fato cada vez mais comum. A originalidade de sua obra seria a sistematização

³ Hefner, Robert 1993. *World Building and the Rationality of Conversion*, p. 19.

⁴ Tomamos aqui o termo como teorizado por Weber: "Por 'profeta' queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino" (2004, p. 303).

⁵ Contracapa O Livro dos Espíritos, edição de 2006 da EME editora.

das respostas dadas por espíritos superiores para guiar a humanidade, sem contudo significar que a revelação fornecida a ele era estritamente pessoal.

Os espíritos são constantemente criados e tiveram um princípio, pois senão seriam iguais a Deus⁶. De acordo com as revelações dos espíritos a Kardec, a Terra seria necessariamente um lugar de expiação que nos propicia a oportunidade de evoluir. Segundo Maria Laura Cavalcanti, "a noção de carma no espiritismo é semelhante à do hinduísmo e do budismo, implicando a percepção do mundo como um cosmos sem lacunas de retribuições éticas, na qual nenhum fato significativo do ponto de vista moral se perde" (1983, p. 41). A doutrina espírita absorveu de outras religiões a idéia de reencarnação e carma, sendo que devemos viver nesse planeta consecutivas vezes para que possamos desenvolver nossa inteligência.⁷ Existem dois tipos de encarnação; a expiação e a missão, na qual espíritos superiores vêm para nos auxiliar (como Jesus Cristo). Da tradição cristã o kardecismo tomou a ênfase na humildade e na caridade, sendo essa a principal lei da religião. Também, um espírito nunca regressa pior; ou ele fica estagnado ou evolui. De fato, segundo o kardecismo nada acontece por acaso ou aleatoriamente, sendo que doenças e quaisquer adversidades são vistas como provações, punições ou avisos pelos quais devemos passar com a atitude cristã de humildade e caridade.

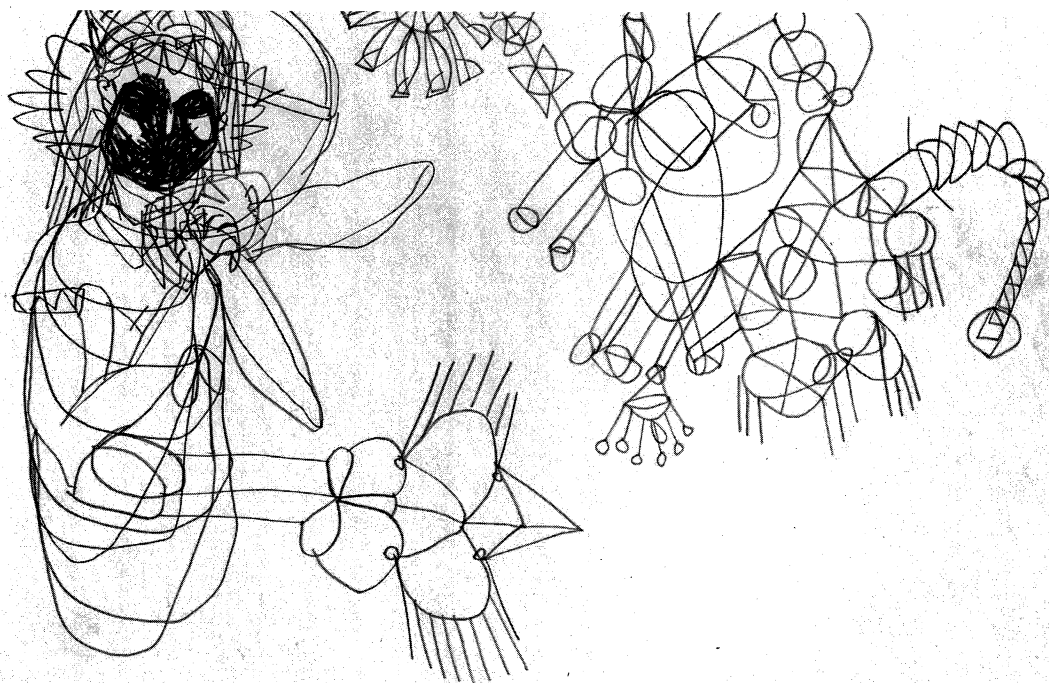
Quando atingimos um estágio satisfatório de elevação, tornamos a encarnar em outro planeta para continuarmos evoluindo. Essa constante evolução é sempre em direção a Deus e estágios de perfeição que mal podemos vislumbrar em nosso atual grau de desenvolvimento. A aplicação prática dos conceitos de carma e evolução seria a ordenação de valores deste mundo, estabelecendo práticas e hábitos humanos, como o desenvolvimento intelectual, a superação de vícios e a caridade. A busca da evolução condicionando

os hábitos é conhecida como o comportamento prosaico, e essa é uma característica do ascetismo intramundano, o domínio metódico da conduta da vida. Segundo tal concepção, a salvação está no que fazemos no dia-a-dia, o que no kardecismo se apresenta na forma da constante caridade e no estudo da doutrina. Assim, em contraste com concepções de salvação pela fé (como no catolicismo) e pela vocação (como no puritanismo), no kardecismo a salvação da alma se dá pela caridade praticada tanto em vida quanto no plano espiritual.

Encarnação e Caridade

Ao entrar nesse mundo um espírito esquece temporariamente de suas vidas passadas, sendo sua memória espiritual recuperada ao desencarnar. A função desse esquecimento é de renovação do nosso livre-arbítrio para agirmos sem a influência de sabermos exatamente como pagar nossas dívidas. A evolução segundo o kardecismo é um processo muito lento que necessita de várias encarnações. Atributos como talento ou genialidade não são dádivas divinas gratuitas, mas, sim, conquistas anteriores duramente merecidas. De tal maneira, poderíamos identificar indivíduos mais ou menos evoluídos devido às suas qualidades e seu comportamento. Pode-se traçar um paralelo com a idéia de predestinação apresentada pelo protestantismo, onde é possível identificar aqueles que serão salvos através do sucesso em vida devido à sua vocação, indicador da escolha divina. No caso do espiritismo, a caridade, a inteligência e a humildade demonstradas durante a vida são características de um ser mais elevado espiritualmente, como no exemplo do médium Chico Xavier.

Os espíritos desencarnados exercem constante influência sutil e inevitável entre os encarnados.⁸ Consequência da coexistência de espíritos encarnados e desencarnados é que a morte per-



⁶ Perguntas 78 a 83 do Livro dos Espíritos.

⁷ Uma "contabilidade moral inflexível", segundo Camargo (1961).

⁸ Cândido Procópio (1961) argumenta que no kardecismo a revelação da doutrina tem menos importância do que a vivência da doutrina e a experiência religiosa. Isso também contrastaria com religiões que enfatizam a revelação histórica, como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã.

de importância nas relações entre as pessoas, sendo encarada como apenas mais um estágio nesse longo processo cósmico. De fato, Kardec enfatizou em seu *Evangelho* que os verdadeiros laços afetivos não são desse mundo e que a idéia de reencarnação é a única que propicia vínculos duradouros em contraste com os vínculos da carne e do sangue (Kardec, 2006b). Enquanto nos encontramos vivendo nesse mundo de expiação, existem espíritos elevados que nos auxiliam em nossas provações e outros menos evoluídos que visam nos confundir. Desse modo, não necessariamente um espírito desencarnado é mais evoluído do que um que esteja encarnado e o grau de elevação espiritual deles teoricamente pode ser percebido por suas ações e discurso. Segundo Maria Laura Cavalcanti,

"Partindo do fato de que os homens são Espíritos encarnados, em evolução, e portanto imperfeitos, a caridade permite distinguir e hierarquizar, de maneira dinâmica e contextual, Espíritos (homens) mais ou menos imperfeitos" (Cavalcanti, 1983, p. 71).

Aqueles que se comunicam com os desencarnados têm o dom da mediunidade, uma característica orgânica que pode ficar latente e ser desenvolvida ao longo da vida, constituindo um traço carismático de um indivíduo. Para melhor compreender o poder de um médium, podemos tomar a concepção weberiana de carisma como sendo um dom vinculado a um objeto ou pessoa que por natureza o possui e que não pode ser adquirido de outra forma (Weber, 2004). Não obstante, tal dom pode permanecer oculto se não for estimulado ou despertado pela ascese, exercício de devoção e meditação religiosa. Como aponta Giumbelli (2003), os médiuns devem ser elevados a um

certo grau de pureza moral e disciplina mental, o que os afastaria da espontaneidade do mago e os aproximaria do papel do sacerdote. As manifestações espontâneas ou em grupos não preparados corretamente leva à comunicação com espíritos pouco elevados, mistificadores. Assim, no kardecismo o médium é uma figura localizada entre o mago dotado de poderes e o sacerdote racionalmente treinado para exercer sua função.

A prática caritativa é a única solução para se escapar ao ciclo reencarnacionista em um mesmo nível de evolução e podemos aperfeiçoá-la através do estudo da doutrina. Contudo, por sermos seres imperfeitos em estágio de evolução, o sofrimento é algo inerente à experiência da vida em um planeta de expiação, como a Terra. Podemos observar que a noção de constante reencarnações em um lugar de sofrimento e expiação aproxima-se do conceito cristão de purgatório (Cavalcanti, 2006). Vale aqui apontar uma divergência significativa entre o budismo e o kardecismo. Enquanto a ação típica de um budista seria a atitude do místico, de fuga contemplativa desse mundo, pode-se argumentar que o kardecista necessariamente é o asceta que visa agir pela caridade. O budista ideal não revidaria a uma ofensa, pois assim ele reafirmaria sua existência e seu amor próprio, sentimentos ligados a esse mundo.

Por sua vez, os kardecistas e outros cristãos visariam reagir ao mal com o bem, através da reação positiva pelo perdão. O místico busca um estado de "possessão", não a ação, sendo um "recipiente" do divino (Weber, 2002, p. 228). No budismo uma pessoa visa ser salva do ciclo de renascimentos e entrar no descanso eterno através do "não ser". Dessa forma, a evolução espiritual objetiva o aniquilamento de seu ego e de suas paixões, quando um espírito passa a fazer parte do Nirvana. Já no espiritismo a elevação espiritual nos leva a viver em outros planos mais



elevados, onde sempre continuaremos a praticar os valores cristãos da caridade, inclusive auxiliando em outros mundos inferiores de sofrimento. A ação (caridosa) é a lei de Deus e, assim, indispensável à salvação.

Na concepção espírita, a dor e o sofrimento são maiores quanto menos evoluído um ser é. Vale aqui apontar o que pode ser chamado de *paradoxo da caridade*. A doutrina kardequiana sustenta que fora da caridade não há salvação, sendo essa a lei máxima de Deus. Se considerarmos que nosso plano é um mundo de sofrimento, todos encarnados ou ligados a ele sofrem, mesmo que em graus diferentes. Em teoria, um espírito mais evoluído não vivenciaria mais esse sofrimento característico dos espíritos em menor grau de evolução. Porém, se ele é evoluído isso leva a crer que ele é também extremamente caridoso, e que, por isso, ele necessariamente vivencia a dor de outros espíritos imperfeitos e sofre com eles. Logo, *a dor é eterna*, pois os salvos das dores desse mundo continuam a sofrer as dores dos outros, e a salvação pela caridade seria, de tal maneira, impossível.

De forma semelhante, saber quando a caridade deve ser praticada pode ser também um problema. Se a expiação e o sofrimento são necessários para que possamos evoluir ou para o pagamento de dívidas passadas, a ação caridosa que traz conforto a uma pessoa pode vir a atrapalhar a evolução de outros. Se grande porção dos encarnados fosse extremamente caridosa, a outra parte não poderia se reabilitar por meio do castigo, a expiação. Assim, há uma linha tênue entre a atitude caridosa e a expiação alheia. Quando apresentamos essas questões a um teórico do espiritismo,⁹ a resposta foi que o sofrimento da caridade é diferente do sofrimento moral e físico dos espíritos inferiores. Nessa distinção, o sofrimento por ver alguém sofrer advém do amor universal e por isso torna um espírito ainda mais feliz. Deus ama incondicionalmente, mas não sofre. Em relação ao limite da prática da caridade, o dever de um espírito é sempre ajudar quando possível. O entrevistado nos lembrou que no espiritismo nada acontece por acaso, e que se alguém está sendo ajudado em sua expiação, é porque seu carma conduziu a isso.

Weber e a tensão entre magia e racionalidade

O sociólogo alemão Max Weber tentou reconstruir o processo de evolução da racionalidade ocidental e buscou a resposta no pensamento religioso. Como nos lembra Antônio Flávio Pierucci (2005), Weber não é um sociólogo da religião, mas sim um sociólogo da racionalização. Weber estabeleceu uma distinção fundamental entre religiões ocidentais e orientais, o que afetaria ultimamente no próprio pensamento das sociedades. Seu argumento é de que o ponto de divisão estaria na forma como a profecia de cada religião é revelada, e sua sociologia da religião tenta compreender a divisão entre a contemplação mística

e o ativismo ascético (Bendix, 1986). Na profecia ética o profeta se anuncia como um instrumento da vontade de Deus, que demanda determinado comportamento cotidiano que garanta sua salvação. Por sua vez, a profecia exemplar visa basear-se no comportamento do profeta para seguir o caminho da salvação. Jesus Cristo e Maomé são exemplos de profetas éticos, e Buda é um grande exemplo de profeta exemplar. Enquanto a profecia exemplar é tipicamente praticada no oriente, o ocidente segue majoritariamente a profecia ética, e as demandas religiosas de um comportamento prosaico da profecia ética são, segundo o autor, incompatíveis com o pensamento típico asiático. (Weber, 2004).

Ao descrever diversas doutrinas, Weber mostra uma constante preocupação com o abandono gradual da magia na evolução humana. A racionalidade mágica seria um tipo de comportamento padrão natural, que só pôde ser parcialmente superado com o advento das religiões de salvação. Segundo Pierucci, "magia é coerção do sagrado, compulsão do divino, conjuração dos espíritos; religião é respeito, prece, culto, e sobretudo *doutrina*" (2005, p. 70). A magia é regida por tabus, enquanto a religião segue uma determinada ética. Porém, a humanidade sempre tende ao exercício da magia e às explicações mágicas, um movimento oposto ao racionalismo religioso, e essa relação é objeto de constante tensão entre a tradição e a doutrina religiosa. Nesse quesito, Weber considerava o calvinismo como especial por ter se esforçado em deixar quaisquer concepções mágicas para trás. Ao descrever esse fenômeno, o autor criou a expressão *desencantamento do mundo*, um processo histórico de *desmagificação* da sociedade ocidental que pode ocorrer pela ciência ou pela religião.¹⁰

De acordo com o autor, a revelação profética significa sempre uma visão homogênea da vida, atribuindo-lhe um sentido único que explique suas várias esferas. Isso levaria a uma sistematização de todas as manifestações da vida num *modo de viver*. A racionalização religiosa é o processo de domínio teórico da realidade por meio de conceitos abstratos (2002, p. 206). Quanto maior se pretende a religião, mais ela tem que lidar com o racionalismo leigo, o pensamento mágico. Tais concepções são úteis para pensar o kardecismo, religião que opera na tensão entre a racionalização religiosa e o tradicionalismo da magia. De tal maneira, esse esforço de domínio do mundo através de conceitos caminha dentro do espiritismo em direção às idéias mágicas normalmente associadas a religiosidades mais primitivas, como a comunicação com espíritos, a possessão e a cura por energias vibracionais à distância.

Se considerarmos o método comparativo de Weber, o caso do espiritismo mostra-se interessante por mesclar idéias típicas do ocidente com o oriente, concepções mágicas e racionalismo religioso, tradicionalismo leigo e modernidade. Como mencionado, a doutrina kardecista baseia-se em noções mágicas de coexistência com espíritos e cura através dos mesmos, apresentan-

⁹ "Os espíritos exercem uma ação ininterrupta sobre o mundo moral e inclusive sobre o mundo físico" (Kardéc, 2006b, p. 19)

¹⁰ Entrevista com José Reis Chaves no dia 09/04/2008, no centro espírita Emmanuel, no centro de Belo Horizonte.

do, no entanto, o esforço de tornar tais crenças altamente racionalizadas. O kardecismo é então uma religião que opera na linha de tensão entre pensamento mágico e a racionalização, e aqui a *desmagificação* não se dá nem pela ciência nem pela religião, sendo ambas usadas como suporte à crença nos espíritos. Além disso, a teoria do carma, uma das grandes teodicéias da história, é alinhada com a tradição judaico/cristã para dar novo sentido homogêneo ao mundo, o que diminui a distância entre os racionalismos ocidental e oriental. Ao englobar várias posições religiosas em sua doutrina, o kardecismo criou um sistema de explicação que é aplicável a vários contextos sem necessariamente entrar em conflito com outras crenças.¹¹ De fato, o esforço do Codificador foi de gerar uma religião que fosse uma síntese das outras.

Weber chamou a atenção para o fato de que a ação religiosa ou magicamente motivada é sempre orientada para este mundo (2004, p. 279). Mesmo que o contato mediúnico pretenda amenizar as aflições de uma alma errante, todo o ritual tem a função de demonstrar a eficácia e sustentar a cosmologia espírita. Além do traço carismático de comunicação e manipulação dos espíritos, encontra-se no espiritismo o auxílio do que é conhecido na teoria weberiana como *technical devices*, bens palpáveis na religião que são resquícios de uma religiosidade tipicamente mágica (no espiritismo a água fluidificada e as psicografias). Para o autor, a segurança da magia é muito maior do que a simples veneração de um deus não influenciável por meios mágicos, o que justificaria a presença de aparatos de caráter mágico em várias religiões, como terços e imagens.

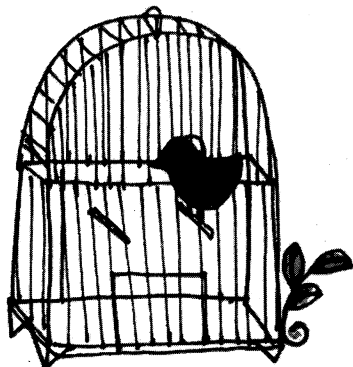
Seguindo a linha weberiana, o autor Cândido Procópio afirmou que o desenvolvimento de religiões mediúnicas no Brasil (em especial os setores kardecistas) é expressão do processo de racionalização e secularização nacional. Isso se daria porque as doutrinas mediúnicas teriam afinidade com o pensamento moderno urbano, facilitando a adaptação do brasileiro à vida na cidade (Camargo,

1961, 1973). O autor considerava cada religião como uma "alternativa ideológica competitiva" suprimindo diferentes necessidades dos indivíduos. Nesse sentido, as idéias sobre mérito e destino, evolução e cientificismo da doutrina de Kardec seriam bem aceitas pelo pensamento urbano industrial, uma "*alternativa possível no processo de adaptação das personalidades às exigências da vida urbana*" (Camargo, 1961, p. 97).

O argumento de Camargo parece ter certo poder explicativo, pois o contingente kardecista realmente se concentra nos centros urbanos, e o número de kardecistas de fato cresceu desde as décadas do estudo do autor (1960 e 1970). No entanto, a religião dominante ainda é o catolicismo, seguida pelo constante crescimento dos evangélicos. Se coubesse ao espiritismo essa forte afinidade com o pensamento urbano/industrial de que fala o autor, o aumento dos fiéis kardecistas deveria ter sido maior do que os demais. Por sua vez, o próprio autor já apontava que o kardecismo e as religiões evangélicas representavam, apesar de sua diversidade doutrinária, alternativas sacrais próximas devido à sua funcionalidade de cura mágica (Camargo, 1973). Nesse sentido, talvez as religiões neopentecostais tenham ainda mais sucesso no processo de "adaptação" às exigências da vida urbana. Ou, como propomos, são ainda mais eficazes em atender as demandas de um tradicionalismo leigo com base no pensamento mágico.

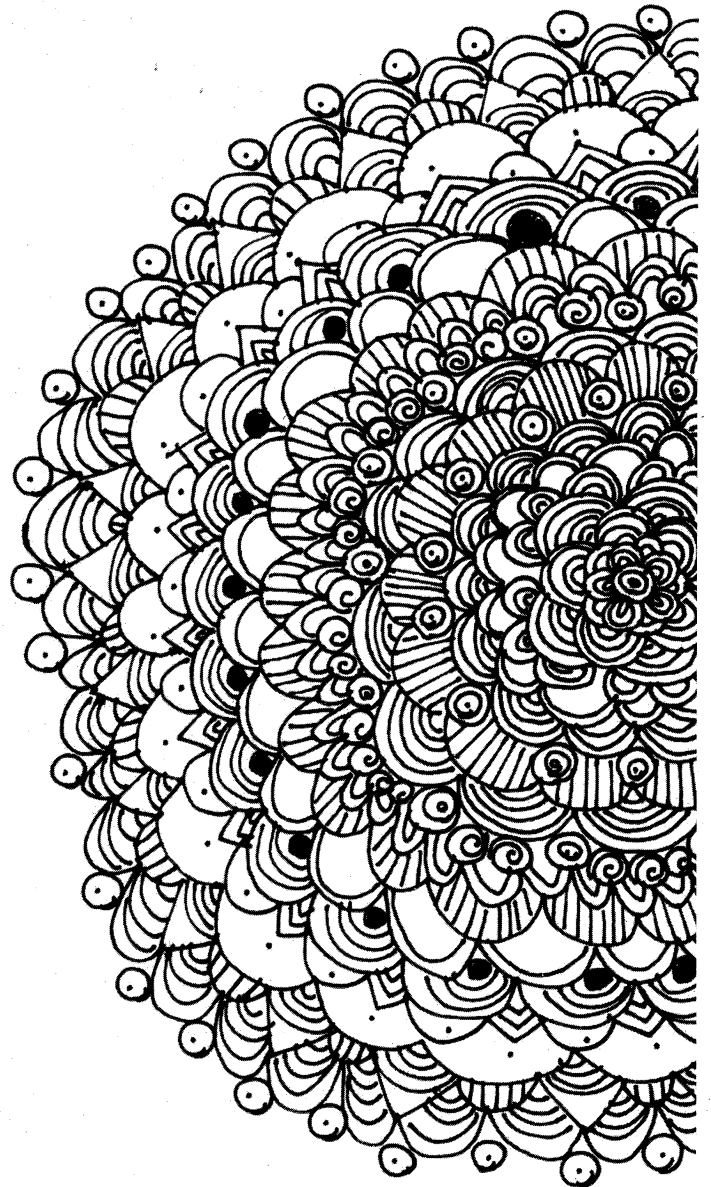
Conclusão

Com certo grau de unanimidade entre os autores na bibliografia estudada, as noções espíritas são apontadas como sendo extremamente difundidas em vários nichos nacionais. O sucesso da conversão kardecista implica que o fiel passe a interpretar fatos correntes de seu cotidiano como mensagens e intervenções dos espíritos. A tese de que as idéias sobre o sobrenatural e os espíritos está enraizada em várias camadas da cultura brasileira é reforçada por episódios como



¹¹ É importante notar que esse desencantamento não é um fenômeno generalizado aplicável a todas as religiões históricas: "Multidirecional que é, uma das direções historicamente possíveis foi o desencantamento religioso do mundo" (Pierucci, 2005: 70).

¹² Uma idéia comum entre alguns kardecistas é de que o espiritismo não é a religião do futuro, mas sim o futuro de todas as religiões, pois essas estão gradativamente reconhecendo a existência dos espíritos.



o das psicografias de Chico Xavier usadas em julgamentos. No kardecismo a magia se disfarça como um discurso científico/filosófico de forma a tornar-se mais socialmente aceita. As práticas mágicas se transformam, mas a sua essência de manipulação do sobrenatural se mantém a mesma. Considerando o tema weberiano do desencantamento do mundo, ou *desmagificação*, podemos concluir que o espiritismo kardecista é uma religião que opera em constante esforço para atender as demandas do tradicionalismo leigo, como a cura física e espiritual através de meios mágicos. E justamente essa propensão nacional às explicações sobrenaturais torna a forte presença de práticas mágicas facilmente aceitável pelos adeptos da religião kardecista e nem tão estranha a quem é de fora da religião.

Nas últimas décadas temos visto o crescimento de cultos neopentecostais na sociedade brasileira abundantes em exorcismos e práticas mágicas (como a fogueira santa) que reforçam a crença generalizada da presença de espíritos em nosso cotidiano. De fato, Cândido Procópio já

apontava que o kardecismo e o pentecostalismo representavam, apesar de sua diversidade doutrinária, alternativas sacrais próximas devido à sua funcionalidade (Camargo, 1973). O autor sugeriu que religiões como o kardecismo proporcionam um sentido mítico da compreensão de fatos do dia a dia e de episódios da vida dos fiéis. Em grande parte das religiões praticadas no Brasil, o pensamento mágico e seus resquícios são ainda bastante presentes e facilmente notados. Aqui o processo de desmagificação e desencantamento do mundo weberiano foi menor se comparado a um certo tipo de adaptação da magia à vida urbana. Assim, através do estudo de uma religião mediúnica como o kardecismo apontamos para uma possível vertente analítica que descreva religiões modernas através de traços da religiosidade primitiva mágica.

Referências Bibliográficas:

Obras espíritas

- CHAVES, José Reis (2000) *A Face Oculta das Religiões*. São Paulo: Martin Claret.
- KARDEC, Allan (2006a) *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB.
- KARDEC, Allan (2006b) *O Livro dos Espíritos*. Trad. Matheus R. de C. Capivari: Editora EME.
- XAVIER, Francisco Cândido (2006) Brasil, *Coração do Mundo*, Pátria do Evangelho. Rio de Janeiro: FEB.

Demais obras

- BENDIX, Reinhard (1986) *Max Weber, um perfil intelectual*. Brasília: Editora UNB.
- CAMARGO, Cândido Procópio F. de (1961) *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Pioneira.
- CAMARGO, Cândido Procópio F. de et al (1973) *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes.
- CAVALCANTI, Maria L. V. C. (1983) *O Mundo Invisível*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- CAVALCANTI, Maria L. V. C. (2006) *Life and death in Kardecist Spiritism*. In: *Religião & Sociedade*, v. 24, n. 01, p. 168-173.
- GIUMBELLI, Emerson (2003) O "Baixo Espiritismo" e a História dos Cultos Mediúnicos. In: *Horizontes Antropológicos*, ano 9, no. 19, p. 247-281. Porto Alegre.
- HEFNER, Robert W. (1993) World Building and the Rationality of Conversion. In: HEFNER, Robert W. (ed.). *Conversion to Christianity*. Berkeley: University of California Press.
- LEWGOY, Bernardo (2004a) *O Grande Mediador – Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: EDUSC.
- LEWGOY, Bernardo (2004b) Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, ano 10, n. 22, p. 255-282, Porto Alegre.
- LEWGOY, Bernardo (2006) Incluídos e Letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, F. e MENEZES, R. (orgs.) 2006. *As Religiões no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- ORTIZ, Renato (1978) *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*. Petrópolis: Vozes.
- PIERUCCI, Antônio Flávio (2005) *O Desencantamento do Mundo*. São Paulo: Editora 34.
- SANTOS, José Luiz (1997) *Espiritismo: uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna.
- SILVA, Vagner Gonçalves da (2006) Transes em Trânsito: Continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, F. e MENEZES, R. (orgs.) *As Religiões no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- VELHO, Gilberto (2004) *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- WEBER, Max (2002) *Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC.
- WEBER, Max (2004) *Sociologia da Religião*. In: *Economia e Sociedade*. São Paulo: Editora UNB.